

IRACEMA, UM MITO FUNDACIONAL

Antonia Karoline Oliveira de Sousa

(Unilab/Seduc-CE)

Antonia Karine Oliveira de Sousa

(Unilab/Seduc-CE)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Antonia Karoline Oliveira de Sousa possui Graduação em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Ceará (2013); Especialização em Ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Ceará (2018); Especialização em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2023); e Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (2024), também é professora efetiva da rede estadual de ensino do Estado do Ceará. Tem experiência na área de ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas. E-mail: karoline_oliveir@yahoo.com.br

Antonia Karine Oliveira de Sousa possui graduação em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Ceará (2013); Especialização em Ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Ceará (2018); Especialização em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2023); e Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (2024), também é professora efetiva da rede estadual de ensino do Estado do Ceará. Tem experiência na área de ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas. E-mail: karine_oliveir@yahoo.com.br

RESUMO

Um dos grandes nomes do Romantismo brasileiro, o escritor cearense José de Alencar retratou o Brasil de norte a sul, através de romances urbanos, regionalistas, históricos e indianistas. A partir de um projeto nacionalista, o romancista nos presenteou com uma série de obras que ressaltam a cor local. Dentre elas, destacamos *Iracema: lenda do Ceará*, publicada em 1865, na qual Alencar compõe um verdadeiro poema em prosa, para recontar, por meio da ficção, a história da colonização cearense e, por extensão, brasileira. À vista disso, o presente artigo explora esse romance alencariniano e busca responder como se dá o entrecruzamento entre o real e o fictício na obra e o porquê de essa ser considerada como o mito de formação do povo cearense. Para tanto, o trabalho se caracterizou por uma abordagem bibliográfica, na qual recorreremos a vários escritos, dentre os quais, do próprio Alencar (1965), bem como de Machado de Assis (1866), Câmara Cascudo (1955), Alfredo Bosi (1994) e Antônio Candido (2000), para contextualizarmos o projeto literário de Alencar. Recorreremos, ainda, a Antônio Bezerra (2009), para entendermos melhor as origens do Ceará.

ABSTRACT

Uno de los grandes nombres del Romanticismo brasileño, el escritor cearense José de Alencar retrató Brasil de norte a sur a través de novelas urbanas, regionalistas, históricas e indianistas. A partir de un proyecto nacionalista, el novelista nos obsequió con una serie de obras que resaltan la idiosincrasia local. Entre ellas, destacamos *Iracema: leyenda de Ceará*, publicada en 1865, en la cual Alencar compone un verdadero poema en prosa para recontar, a través de la ficción, la historia de la colonización cearense y, por extensión, brasileña. En este sentido, el presente artículo explora esta novela de Alencar y busca responder cómo se entrelaza lo real y lo ficticio en la obra y por qué es considerada como el mito de formación del pueblo cearense. Para ello, el trabajo se caracterizó por un enfoque bibliográfico en el que recurrimos a varios escritos, incluyendo los del propio Alencar (1965), así como de Machado de Assis (1866), Câmara Cascudo (1955), Alfredo Bosi (1994) y Antônio Candido (2000), para contextualizar el proyecto literario de Alencar. También recurrimos a Antônio Bezerra (2009) para comprender mejor los orígenes de Ceará.

PALAVRAS-CHAVE

Iracema; Mito de formação; Miscigenação.

KEY-WORDS

Iracema; Mito de formación; Mestizaje.



INTRODUÇÃO

O escritor cearense José de Alencar possui uma vasta obra que foi e é objeto constante de estudo. Nesse valioso universo alencarino, podemos observar a presença de um projeto nacionalista, no qual o autor busca compor um verdadeiro painel que retrate a nação brasileira, de uma forma romanesca e poética. É nesse contexto que merece destaque a obra *Iracema: lenda do Ceará*, publicada em 1865, romance alencarino que traz um diálogo entre ficção e a história da colonização cearense/brasileira.

Diante disso, no presente artigo, refletimos sobre como se dá o entrecruzamento entre o real e o fictício na obra, bem como sobre a importância da Literatura para a construção da identidade de um povo, para a história de uma cidade, de um estado, de um país.

Nessa perspectiva, o principal objetivo deste trabalho é analisar a narrativa mítica de Alencar, ao compor *Iracema: lenda do Ceará*, narrativa de propensões épicas que reconta as origens do Ceará, e, por extensão, do Brasil.

1 O PROJETO LITERÁRIO DE ALENCAR

Um dos principais nomes do Romantismo brasileiro, o cearense José Martiniano de Alencar, nascido no distrito de Messejana, Fortaleza, Ceará, em 01 de maio de 1829, estreou na literatura como cronista, no jornal carioca *Correio Mercantil*, em 1854, e, em 1856, publica aos 27 anos, em uma série de folhetins, seu primeiro romance, *Cinco minutos*, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, do qual era redator (Bosi, 1994).

Inspirado, inicialmente, pela leitura de obras de grandes nomes da literatura francesa, como Chateaubriand, Dumas, Hugo e Balzac, e, posteriormente, pelas belezas de sua terra natal, José de Alencar compõe vários poemas da vida real que retratam romanesicamente o Brasil (Candido, 2000).

Nas palavras de Câmara Cascudo (1955, p. 6): “Alencar é um dos informadores máximos do Folclore. Registrou nos romances a normalidade da vida brasileira, de norte a sul, mitos, lendas, cantigas, lutas, festas religiosas e políticas, tradições, costumes locais”.

Esse feito de Alencar condiz com o projeto literário romântico, no qual “a nação afigure-se [...] como uma idéia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens. Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore, novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia” (Bosi, 1994, p. 95).

Esse nacionalismo tão marcante da literatura romântica pode ser compreendido, também, como reflexo do período em que o Brasil vivia:

nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadrados (Candido, 2000, p. 15).



Assim, a preocupação em destacar e valorizar a cor local constitui uma das principais características do nacionalismo romântico, em geral, e de José de Alencar, em particular.

A paisagem e a cultura da sua terra foi o que de mais especial José de Alencar nos deixou, mesmo dentro dos cânones da época. O nacionalismo, que toda a doutrina romântica possui, teve em Alencar um vigoroso pintor. Essa ideia de terra nossa, de país nosso, de cultura nossa está em quase todos os seus livros (Pardal, 2020, p. 24).

De fato, em suas obras, José de Alencar explora diversas regiões do país com o intuito de promover o sentimento de pertencimento nacional aos brasileiros: no Ceará, a origem do povo brasileiro é representada pela história de amor entre a indígena tabajara Iracema e o português Martim Soares Moreno; na Bahia, o escritor denuncia a busca desenfreada pela riqueza das minas, em *As Minas de Prata*; em Pernambuco, são reveladas as intrigas que precedem uma batalha, como na Guerra dos Mascates; e no Rio de Janeiro, as complexidades da corte contribuem para retratar a sociedade da época, em sua série de romances urbanos. Esses são alguns exemplos de como José de Alencar percorreu o país abordando temas diversos. Suas obras eram verdadeiramente um reflexo do Brasil para os brasileiros lerem (Vasconcelos, 2008).

É importante se ressaltar, ainda, a importância da figura do indígena no ideário romântico, que o concebeu como “o herói nacional”, firmando o indianismo como a forma mais legítima da literatura nacionalista. Nesse contexto, temos a tríade indianista de Alencar, que retrata desde a vida indígena antes do contato com o homem branco, em *Ubirajara* (1874), os primeiros contatos com o europeu, em *Iracema* (1865), ao indígena colonizado, em *O Guarani* (1857).

Alencar idealizou um projeto de literatura nacional, que deveria inovar e ter características genuinamente brasileiras tanto na temática quanto na linguagem. Ao escrever *Iracema: lenda do Ceará*, por exemplo, o autor quebrou alguns paradigmas da literatura vigente na época. Criou um romance com estilo próprio e características que destacam obra e escritor entre todos autores e produções indianistas.

Por meio de uma narrativa fulgurante, o escritor propiciou o nascedouro de uma grande inovação, uma escrita de feição renovada pelo contato da língua portuguesa com as tradições, os ritos e os falares das nações indígenas, a fauna e a flora nativas, a terra de areias nuas, as serras que azulam no horizonte, as suaves brisas do entardecer e o mar bravio do Nordeste brasileiro (Alcântara, 2006, p. 106).

Alvo de críticas à época da publicação de *Iracema*, em 1865, Alencar (2011, p. 111) defendeu também a língua que utilizou no romance: “é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem”.



Outro recurso utilizado na obra para pintar o painel local foi o uso marcante de símiles e metáforas. À medida que a personagem Iracema é descrita por meio dessas figuras de linguagem, também emerge a imagem da natureza tropical brasileira. Ao exaltar a beleza de Iracema, o autor José de Alencar não apenas retrata a personagem, mas também enaltece a fauna e a flora que compõem esse ambiente exuberante e edênico, com o qual a indígena está em completa harmonia.

Iracema, em sua descrição inicial, é toda ela paisagem americana. Nesse sistema de comparações, a personagem é fundida e confundida com a própria natureza americana, num movimento característico do estilo romântico que, geralmente, sobrepunha o conceito de pátria, palavra cujo sentido etimológico remete ao local de origem, à terra paterna, ao conceito de paisagem (Martins, 2006, p. 27).

Ressalte-se que essa similitude entre a heroína idealizada e os elementos da natureza é expressa geralmente através de comparações que enfatizam a superioridade da indígena: *os cabelos são mais negros que asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira, o sorriso é mais doce que o favo da jati, o hálito é mais perfumado que a baunilha e os pés são mais rápidos que a ema selvagem.* Nesse sentido,

a tabajara, que se banha nas bicas do Ipu, não é uma jovem índia qualquer, mas uma bela mulher selvagem que apresenta características próprias das índias nascidas e criadas no ambiente natural brasileiro e com elementos peculiares, totalmente inspirados pelo meio que a cerca, que lhe dão destaque entre as demais. (Silva, 2014, p.198-199).

Para mais, o lirismo, a musicalidade, a linguagem, o estilo, presentes nessa obra alencarina fazem dela um romance ímpar de nossa literatura e causam dificuldades em sua classificação, pois, em sua estrutura de prosa, encontramos muito de poesia. Como, em 1866, afirmou Machado de Assis (2011, p. 26):

Tal é o livro do senhor José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência. Quem o ler uma vez, voltará muitas mais a ele, para ouvir em linguagem animada e sentida, a história melancólica da virgem dos lábios de mel. [...] Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima.

Em *Iracema*, a linguagem poética é um verdadeiro canto de exaltação à paisagem cearense/brasileira. “Tudo isso é resultado de um minucioso trabalho do escritor com as palavras, que aos poucos vão formando imagens sensíveis na mente do leitor” (Silva, 2014, p.193). É exatamente a linguagem utilizada no romance que confere um caráter singular à obra, que passeia naturalmente pelas trilhas da prosa e da poesia. Nas palavras do próprio Alencar, em carta ao Dr. Jaguaribe:

Este livro é, pois, um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira,



haurida na língua dos selvagens. A etimologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original (Alencar, 2011, p. 113-114).

Essa originalidade vem marcada pelo desejo expresso pelo autor de criar uma genuína poesia nacional, que cantasse os índios com uma língua verdadeiramente brasileira:

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos do seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até mesmo as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro: é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como imagino (Alencar, 2011, p.111).

Alencar, em vários escritos, manifestou seu desejo de criar esse “verdadeiro poema nacional”. Contudo, ao tentar realizar tal projeto, a escrita em versos não fluiu como o desejado e, assim, acabou optando pela prosa para escrever sua obra-prima. Obra que, nas palavras do próprio autor, “tinha, e ainda não perdeu, as pretensões a um poema” (Alencar, 2011, p.109). *Iracema* foi escrita em prosa, porém, uma prosa tão singular e lírica que mantém um “*pé grácil e nu*” que roça a poesia.

2 IRACEMA: MITO DE FORMAÇÃO DO POVO CEARENSE/BRASILEIRO

Em *Como e porque sou romancista*, José de Alencar nos revela que se deve à sua terra natal a inspiração para escrever seu romance lendário:

Acabava de passar dois meses em minha terra natal. Tinha-me repassado das primeiras e tão fagueiras recordações da infância, ali nos mesmos sítios queridos onde nascera.

Em Olinda onde estudava meu terceiro ano e na velha biblioteca do convento de São Bento a ler os cronistas da era colonial, desenhavam-se a cada instante, na tela das reminiscências, as paisagens de meu pátrio Ceará.

Eram agora os seus tabuleiros gentis; logo após as várzeas amenas e graciosas; e por fim as matas seculares que vestiam as serras como a ararroia verde do guerreiro tabajara. [...]

Cenas estas que eu havia contemplado com olhos de menino dez anos antes, ao atravessar essas regiões em jornada do Ceará à Bahia; e que agora se debuxavam na memória do adolescente, e coloriam-se ao vivo com as tintas frescas da paleta cearense.

Uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto de O guarani ou de Iracema, flutuava-me na fantasia. Devorando as páginas dos alfarrábios de notícias coloniais, buscava com sofreguidão um tema para o meu



romance; ou pelo menos um protagonista, uma cena e uma época (Alencar, 2013, p.110).

Pelo subtítulo que Alencar deu à obra *Iracema: lenda do Ceará*, fica evidente o desejo do autor de criar um romance lendário, que contasse, de forma poética e histórica, o mito de formação do povo cearense e, por extensão, do povo brasileiro. *Iracema* não é apenas um romance romântico que narra o amor de um homem branco e uma indígena. É, antes de tudo, uma obra alegórica, que versa sobre nossas origens, sobre nosso processo de colonização e de miscigenação.

O livro inicia trazendo o fim da história de Iracema e de Martim, o “guerreiro branco”, cujos descendentes comporão nosso povo: **este é o mito**. A criança na jangada, o Moacir (“filho da dor”, “o que vem da dor”, em tupi-guarani) é símbolo da mistura das raças, é o branco e o índio compondo a diversidade cultural do povo brasileiro (PARDAL, 2020, p. 25, grifo do autor).

Como afirma Montenegro (2006, p. 123), “em *Iracema*, Alencar, investindo de uma inspiração de estirpe homérica, registra sob a forma romanesca a epopeia que narra a fundação do Ceará”. Ao comparar Alencar a Homero, Montenegro sugere que *Iracema* não é apenas um romance, mas uma construção narrativa que busca recontar as origens de um povo. Essa perspectiva nos convida a refletir sobre como Alencar utiliza elementos da mitologia e da história local para criar um enredo que transcende o individual e se torna um símbolo coletivo.

A relação entre a nativa Iracema e o europeu Martim simboliza o início do processo de miscigenação em nosso país. Nessa união, encontramos um relato histórico inegável baseado no confronto entre colonizador e colonizado, que define as raízes históricas e étnicas do Brasil. Focando nos três personagens centrais da lenda – *Iracema*, *Martim* e *Moacir* –, podemos perceber o papel representativo de cada um dentro de nossa cultura e de nossa história.

Iracema é a índia tabajara que quebrou todos os seus votos em nome de seus sentimentos pelo homem branco: desonrou sua tribo e sua fé ao abandonar o compromisso como guardiã do segredo da Jurema, tendo como consequências desilusão, sofrimento, solidão e morte.

Ela gera o herdeiro, da fusão do índio com o português, através da dor e da angústia, para chegar à morte. Nasce o brasileiro, gerado pela ligação entre o americano e o europeu, mas é necessário que o fator europeu permaneça, enquanto o americano é sacrificado; é necessário que a esposa se sacrifique para a permanência do senhor (Silveira, 2011, p.76).

Assim sendo, a indígena representa o povo colonizado/oprimido:

Se encararmos Iracema como representação da América indígena e Martim como o colonizador europeu, é o continente americano que se abre servilmente para o branco, pronto para o sacrifício e o processo civilizatório, não sendo mais um índio, mas um índio europeizado (Silveira, 2011, p.74).



Martim, por sua vez, representa o colonizador opressor, o europeu que levou o que havia de mais precioso nas terras conquistadas, deixando apenas devastação e destruição. “O casamento de Martim com Iracema reproduz uma espécie de aliança entre o autóctone e o estrangeiro, entre o ameríndio e o europeu, que será símbolo fundacional não apenas do Ceará, mas também de todo o Brasil” (Moreira, 2007, p.133).

Moacir, “o filho da dor”, representa, na mitologia criada por Alencar, a união entre dois povos, o indígena e o branco. “O nome da criança de Iracema é a versão cabocla de Benoni, que é nomeado Benjamin e passa a ser o fundador de uma das tribos de Israel. Moacir [...] também é o fundador de uma nova dinastia, é o primeiro cearense” (Martins, 2006, p. 43). O filho de Iracema e Martim, fruto da mistura de raças, “é o brasileiro por excelência, o mestiço que é o Brasil” (Proença, 2011, p.15).

Ademais, nesse mito sacrificial, Iracema é, acima de tudo, a Mãe, “é a que dará luz aos filhos que povoarão e farão vingar a nação que, por ser idealizada, se deseja, e será o reflexo do interno orgulho do que significa ser nacional” (Martins, 2006, p. 15).

Notoriamente, há na obra um argumento histórico que contempla a vinda de Martim Soares Moreno às terras do Ceará, como seu primeiro colonizador. Alencar buscou amparo em documentos oficiais sobre a colonização cearense e bebeu de outras fontes para compor seu poema em prosa. Nas palavras do próprio autor, em carta ao Dr. Jaguaribe, temos a reafirmação de que o assunto da obra foi encontrado em crônicas dos tempos coloniais e nasceu em terras cearenses:

o assunto para a experiência, de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher (Alencar, 2011, p.110).

A história do Ceará está, então, estampada nas páginas do romance através das paisagens evocadas, das tribos e dos personagens históricos revividos na lenda. Antônio Bezerra (2009), com o fito de entender de forma mais profícua a história do povoamento do estado, estuda outros historiadores, cartas e documentos sobre a fundação do Ceará e, a partir disso, ressalta essa amizade entre Martim e Jacaúna, bem como discorre sobre a vinda de Soares Moreno, seus feitos, suas alianças com os indígenas e com a tribo potiguara, eventos fundamentais quando se estuda as origens do estado.

Além desse viés histórico, que foi fruto de pesquisas do autor, há também elementos advindos da genialidade criadora de Alencar. *Iracema* é, portanto, um romance mítico, pois reúne história e ficção para recontar as origens de um povo. Entendemos por romance mítico a narrativa que conta as origens longínquas de uma nação, através da união entre história e ficção e da figura de um herói ou heroína que transita entre o humano e o divino. “Com Iracema, Alencar criou um mito de origem através da remitização do passado. Esse mito trata da origem da raça brasileira (cosmogonia) e contém elementos míticos cristãos e indígenas” (Scheible-Turchetti, 1985, p. 153).

Nas palavras de Machado de Assis (2011, p. 21):

A fundação do Ceará, os amores de Iracema e Martim, o ódio de duas nações adversárias, eis o assunto do livro. Há um argumento histórico, sacado das crônicas, mas esse é apenas a tela que serve ao poeta; o resto é obra da imaginação. Sem perder de vista os dados colhidos nas velhas crônicas, criou o autor uma nação interessante, episódios originais e, mais que tudo, a figura bela e poética de Iracema.

Diante disso, podemos afirmar que Iracema ganhou *status* de símbolo do Ceará. “Ao longo da narrativa, surge a nossa paisagem geográfica: Ipu, chapada da Ibiapaba, Meruoca, Uruburetama, Maranguape, Parangaba, Sapiranga, Messejana etc.” (PARDAL, 2020, p. 25). Ademais, em muitos locais da terra alencarina, encontramos referências ao autor e à sua personagem.

Iracema povoa o Ceará em sua totalidade. Iracema multiplicou-se. [...] De seus lugares preferidos, o mais cobiçado é o da Avenida Beira mar. Ali, impávida, esculpida em tamanho descomunal, contempla os passantes curiosos. [...] De Zenon Barreto, saiu uma Iracema guerreira, forte, aguerrida, em posição de ataque. A postos, na extremidade da Praia de Iracema, nas proximidades da Praia do Ideal, com seu enorme arco, Iracema vai à luta. [...] Iracema banha-se tranquila nas águas da Lagoa de Mecejana, a abandonada. Sobre as águas, adquire enormes proporções, compatíveis com sua fama e importância. Iracema deu nome a um palácio. [...] Iracema é a tradução do Ceará (SILVA, 2006, p. 69).

Nessas palavras de Silva (2006), temos a descrição de quatro das cinco estátuas erigidas em homenagem à índia tabajara, na capital cearense: *Estátua de Iracema* (1965); *Iracema Guardiã* (1996), *Índia Iracema* (2002); *Musa do Ceará* (2004) e *Iracema* (2005).

As cinco estátuas espalhadas pela cidade comungam e tentam difundir uma mesma interpretação canonizada pela crítica literária: a história de Iracema é a formação do povo cearense, ela se transforma no espelho do cearense. Como se a cidade fosse um próprio museu, as imagens permanecem paralisadas, tentando emitir a história oficial do município (PARENTE, 2015, p. 6).

Iracema, portanto, indiscutivelmente, constitui-se um valioso patrimônio, não só literário, mas também histórico e cultural do estado do Ceará. “Com Iracema, Alencar conseguiu dar força à imagem da índia brasileira e ampliar a sua significação para além da aparência física, conferindo-lhe um caráter local, tornando-a mito da origem do nosso povo” (Silva, 2014, p.204). Temos, na obra, elementos importantes que fazem parte da construção de nossa cultura nacional e que, conseqüentemente, constituem nossa identidade cultural, visto que a obra reconta as origens do Ceará, criando imagens que o representam e que fazem parte do imaginário cultural cearense.



Em face do exposto, é importante ressaltar, ainda, que, embora defendamos o romance de José de Alencar como um mito fundacional e a personagem-título como ícone cultural da cidade de Fortaleza, sua construção literária reflete os estereótipos e a visão eurocêntrica que caracterizavam o contexto sócio-histórico do autor. Alencar idealiza a figura da mulher indígena, apresentando-a não só como símbolo de nacionalidade, mas também como um objeto de desejo. Tal caracterização da indígena está subordinada à lógica da narrativa nacionalista do século XIX, que romantizava a colonização e silenciava suas violências.

Ademais, sobre a temática da miscigenação, que é um dos argumentos da obra, cabe fazermos uma ressalva: a ausência do elemento africano nessa formação. Não devemos, porém, condenar Alencar por isso, uma vez que o autor é produto de sua época, bem como que o próprio período histórico em que o romance é ambientado não abria espaço para essa inserção. Registramos aqui, apenas, nossa consciência desse silenciamento, da ausência de um elemento tão fundamental para a construção social, histórica e cultural do Brasil.

Nesse sentido, propomos uma leitura crítica que avance na compreensão da obra a partir de perspectivas decoloniais. *Iracema*, enquanto personagem, pode ser interpretada como uma alegoria do corpo indígena subjugado e apropriado pelo projeto colonizador, simbolizando, ao mesmo tempo, a violência e o apagamento das culturas originárias. Estudos recentes, como os de Parente (2015, 2022), destacam como a história da colonização brasileira, marcada por sangue e dor, é recontada no romance como uma narrativa de amor, o que mascara as práticas de violência colonial, incluindo a violência de gênero e a política de extermínio indígena.

Dessa forma, sugerimos que *Iracema* seja relida não apenas como um símbolo de fundação, mas também como um testemunho literário que, mesmo sem a intenção do autor, revela as contradições e as assimetrias de poder que sustentaram o processo de formação do Brasil. Essa perspectiva não apenas problematiza a obra, mas também contribui para reposicionar a discussão sobre identidade e memória no campo da literatura brasileira, oferecendo uma interpretação que dialogue com as demandas contemporâneas por justiça histórica e reconhecimento cultural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a obra *Iracema: Lenda do Ceará*, de José de Alencar, com o objetivo de explorar sua constituição mítica e lendária, ressaltando sua importância tanto para a literatura brasileira quanto para a formação de identidades culturais, como a “cearensidade” e, por extensão, a “brasilidade”. Partindo do projeto literário nacionalista de Alencar, situamos a obra no contexto do Romantismo brasileiro, com base em autores como Bosi (1994) e Candido (2000), e investigamos como elementos históricos, conforme apontados por Bezerra (2009), foram ressignificados no romance para construir um mito de origem.

Nossa análise permitiu identificar como *Iracema* articula história e ficção para recontar as origens do povo cearense e, simbolicamente, do Brasil, a partir da união entre indígenas e europeus. A narrativa também destaca a complexidade do processo de miscigenação, um dos



pilares da formação nacional, mas que exclui o elemento africano, essencial para a compreensão integral de nossa identidade. Reconhecemos que tal omissão reflete os limites da visão de mundo de Alencar e de seu tempo, sem, no entanto, diminuir a relevância da obra como um marco na literatura brasileira.

Por fim, com este artigo, buscamos contribuir para a ampliação das discussões sobre a intersecção entre literatura, história e identidade no Brasil, reafirmando a singularidade de *Iracema* como uma obra que transcende os limites do romance e se inscreve no imaginário cultural como um mito fundacional.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, B. *Iracema*, patrimônio. In: ALCÂNTARA, L. *et al.* **Iracemas**: imagens de uma lenda. Fortaleza: Barbarela B Comunicações e Marketing, 2006.
- ALENCAR, J de. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.
- ALENCAR, J. de. **Iracema**: lenda do Ceará. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.
- ASSIS, M. de. *Iracema*. In: ALENCAR, J. de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BEZERRA, A. **Algumas origens do Ceará**. Fortaleza: FWA, 2009.
- BOSI, A. O Romantismo. In: BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Vol. 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CASCUDO, L. da C. O folclore na obra de José de Alencar. In: ALENCAR, J. de. **Til**: Romance brasileiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- MARTINS, E. T. **Iracema**: a alegoria da mãe genti(o)l. 2006. 216 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- MOREIRA, V. P. *Iracema*: um romance de mito e fundação ao modelo virgiliano. In: **Mito e Literatura**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Expressão Gráfica, 2007.
- MONTENEGRO, M. A. P. *Iracema* como mito fundador. In: ALCÂNTARA, L. *et al.* **Iracemas**: imagens de uma lenda. Fortaleza: Barbarela B Comunicações e Marketing, 2006.



PARDAL, P. de T. Sob as asas da Jandaia: Romantismo parte I. **Curso Literatura Cearense**, Fortaleza, CE, v. 2, p. 01-31, 2020. Disponível em:

<<https://cursos.fdr.org.br/course/view.php?id=31#section-2>>. Acesso em: 27 maio. 2024.

PARENTE, T. C. Quando as estátuas pensam a cidade: Iracema Guardiã. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2151-1.pdf>>. Acesso em: 27 maio. 2024.

PARENTE, T. C. **Iracema, horizonte de memórias do mito incessante**. 2019. 231 p. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PROENÇA, M. C. Introdução. In: ALENCAR, J. de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, J. B. da. Os lugares de Iracema. In: ALCÂNTARA, L. *et al.* **Iracemas: imagens de uma lenda**. Fortaleza: Barbarela B Comunicações e Marketing, 2006.

SILVA, S. M. A. da. Iracema: a beleza selvagem brasileira entre o poético e o prosaico, entre o mítico e o histórico. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 4, n. 4, p. 188-206, set. 2014.

SILVEIRA, C. **Iracema e a Graciosa Ará: as metáforas e comparações entre personagens e natureza em "Iracema"**. São Paulo: Biblioteca24horas, 2011.

SCHEIBLE-TURCHETTI, I. O mito em Iracema de José de Alencar. **Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais**, [S.l.], p. 143-154, jan. 1985. ISSN 0103-5878. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/article/view/7402>. Acesso em: 20 set. 2023.

VASCONCELOS, A. F. José de Alencar – Historiador. **Entrelaces**, n. 2, p 41-48, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/>> . Acesso em: 07 ago. 2022.

Título em espanhol:



IRACEMA, UN MITO DE FUNDACIÓN

INVENTARIO